

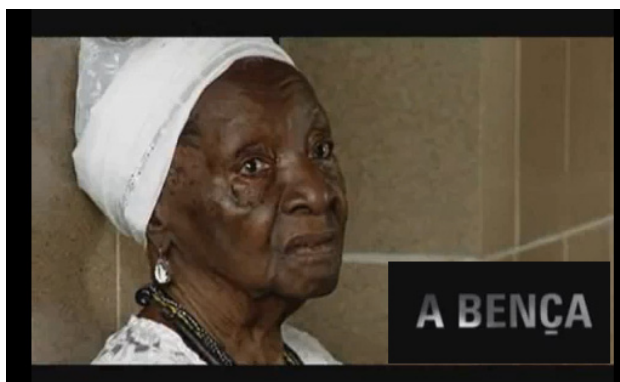
Novas escrituras e mediações em saúde

Linha da Vida

DOI: 10.3395/reciis.v4i3.391pt

Célia Regina da Silva

Jornalista, mestre em Ciências Sociais (UERJ), doutoranda em Comunicação Social Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e ex-bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford. São Paulo, Brasil. celregis@gmail.com



Sinopse

Mãe Enedina, de 90 anos, acabou de perder o neto com quem morava e enfrenta os desafios de mudar de casa. Mãe Maria, aos 74 anos, divide-se entre as atividades de “criar” os iaôs, iniciantes do culto de orixás, no terreiro Axé Opó Ajonjá e a vida na sua comunidade. Viver para o candomblé é o lema de Mãe Mimi, mãe-de-santo, de 75 anos.

“A Bença” traz o dia-a-dia de três senhoras do candomblé na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, abordando temas como a idade, a passagem do tempo, o respeito mútuo entre jovens e idosos dentro do candomblé e a crença no culto de orixás.

Ficha Técnica

Duração: 52 minutos

Ano: 2007

Direção: Tarcísio Lara Puiati

Co-produção: Tarcísio Lara Puiati / Aquarela Filmes / TVE Brasil / Fundação Padre Anchieta - TV Cultura

Este é um dos filmes da série DOCTV III, uma coprodução da Aquarela Filmes / TVE Brasil e Fundação Padre Anchieta - TV Cultura. O filme aborda o cotidiano de três senhoras do Candomblé, na baixada fluminense, no Rio de Janeiro. O título sugestivo é uma referência ao cumprimento entre mães, pais, filhos e irmãos de santo, um indicativo de respeito, gratidão e hierarquia. São histórias de vida onde se entrelaçam temas como matriarcado, dedicação, idade, passagem do tempo, respeito mútuo e crença nos orixás. As personagens são mulheres negras e idosas, das camadas empobrecidas. Duas já passaram dos 70, a mais velha tem 90 anos. Fazem parte

de um universo etário e de cor de pele que não costuma estar presente nas telas da tevê, publicidade ou cinema. No entanto, as suas trajetórias pessoais e religiosas revelam tanto parte da história do Candomblé carioca, como da importante participação das mulheres negras na formação cultural brasileira.

O filme

“A idéia de contar a história das mães do candomblé surgiu do desejo em conhecer o mundo das mulheres da terceira idade”, revela Tarcísio Puiati. Ele queria entender um

pouco do mundo que elas vivem, do seu cotidiano, da forma que olham o mundo e a existência. Com o intuito de buscar uma aproximação com as personagens, a equipe visitou os terreiros na fase de pré-produção. Tal interação pode ser observada pelo resultado final do filme. São imagens que revelam “outro” tipo de olhar sobre as mulheres negras idosas. O modelo de narrativa escolhido faz a opção por modos de dizer, de mostrar e de seduzir, através de planos de detalhe que focalizam minúcias como contas e adornos nas vestimentas, rostos, mãos que trabalham e símbolos religiosos nas áreas internas e externas das casas de santo.

O filme apresenta uma coleção de imagens que prima pela singeleza. A câmera explora a riqueza dos detalhes da vida cotidiana das personagens em suas residências, consultórios médicos e nas comunidades de terreiro. Nelas, mostra ora momentos do sagrado, ora momentos do profano, por onde grassa a fé no culto aos orixás. Para a tradição do candomblé, o cotidiano é a “instância de construção e legitimação do sagrado” (JOAQUIM, 2001)¹. É por onde se configura a religiosidade, a ligação com o invisível, com a força dos orixás. Os momentos ritualísticos, como os que resultam no transe, são a culminância deste re-ligare. A cosmogonia dos orixás está ligada a elementos como a terra, o fogo, o vento e o ar. A natureza se impõe aos ritos, é sua essência. O cosmos se une ao mundo, representado pelas forças sagradas que se materializam pela ritualística. Um comparativo que pode ser observado na realização das tarefas cotidianas, onde o sagrado se manifesta através de ações vividas. A educação espiritual se faz presente em tarefas que vão desde a limpeza de banheiros e dormitórios, passa pelo aprendizado das rezas, até a feitura de oferendas para os santos. As atividades do cotidiano do terreiro são primordiais para o processo educativo dos filhos de santo, em especial, para iaôs². É neste lugar e convívio que ocorre a transmissão de ensinamentos e são sorvidos os aprendizados. O que queremos ressaltar é que as forças ancestrais que se manifestam na sacralidade dos ritos regem as experiências de vida, configuradas na e pela religião.

Embalada pela belíssima música *Voyeur*, na voz de Gal Costa, a câmera percorre cantos e recantos das casas de santo, apresenta referências importantes do subúrbio, como as estações de trem; revela as cores do Mercado de Madureira, ponto de parada do povo de santo, para as compras de materiais, indumentárias e apetrechos utilizados nas oferendas. Mostra o dia-a-dia da baixada fluminense, de um ângulo diferente daquele mostrado cotidianamente na mídia, onde imperam a pobreza, a violência, o tráfico de drogas e a carência de recursos materiais e culturais.

“Toda imagem é, de certo modo, uma narrativa” (BARTHERS, 1990)³. O autor evidencia a idéia de transposição do momento congelado para o espaço da representação, onde a história se estabelece. Por ser um documentário, retrata um tipo de realidade, o que não impede a exploração de uma poética visual. O que se destaca é o caráter da duplicidade imagética que ora aparece como função documental, ora como artística. A diferença é que o diretor fez a opção de contar uma história diferente, desprezando um tipo de história única, que é contada sobre o povo de santo, sobre as mulheres negras, sobre o povo do subúrbio. A tentativa do diretor é apresentar o candomblé e desmistificar preconceitos sobre a religião, mostrar um tipo de convivência entre jovens e idosos modelada pelo respeito entre ambos, um viés da hierarquia religiosa. Nas tradições milenares, como nas religiões de matrizes africanas, a pessoa mais velha tem lugar privilegiado, já que carrega um acúmulo de experiências trazidas pelo tempo, um tipo de sabedoria que é respeitada, reverenciada.

A direção, ao apontar o foco da câmera para a riqueza cultural dos bairros e comunidades populares onde estão fincadas as casas de santo, revela cores, cheiros, nuanças de um modelo de vida diverso daquele apresentado na tevê e na publicidade, onde senhoras brancas, típicas da classe média urbana, são as personagens principais. As negras idosas simplesmente não aparecem, não existem, estão ausentes nas representações sociais sobre a população brasileira. São discriminadas como mulheres, negras, pobres e idosas. Uma mescla de preconceito de gênero, de cor, de classe e de idade. Uma invisibilidade que não faz jus à marcante presença dessas mulheres na constituição da vida privada e pública⁴ deste país.

A escolha por esse prisma estético, a exemplo de uma estrofe da música que conduz o filme, “estender meus olhos sobre você e assim vou descobrindo a beleza”, faz com que sejamos levados a percorrer outros trajetos territoriais, outros modelos de vida comunitária, outros modelos de envelhecimento, outras formas de constituição cotidiana. Neste sentido, acompanhamos mãos majestosas que dignificam a dança, trançam cabelos, fritam acarajés, fazem carinho, costuram roupas, cozinham para os santos e para os filhos, impõem respeito, solicitam e respondem à benção.

Quem são elas? Mães únicas

Mãe Enedina é equede de Omulu e responsável pela confecção do enxoval dos iaôs, função que lhe confere muito prestígio na comunidade religiosa. Teve apenas uma filha carnal, já falecida, que lhe deu três netos. Está muito triste,

pois acaba de perder o neto mais novo; o outro também foi assassinado. Este fato, junto com um glaucoma na vista, abalou muito a sua saúde. Dessa vez, o baque foi muito grande para a senhora baiana de olhos miúdos, que migrou para o Rio de Janeiro, ainda de navio, numa viagem de vários dias. O avançado da idade não impedia que andasse sozinha, que bebesse um copinho de cerveja e dançasse com graça os passos do samba-de-roda. Sua tristeza maior é ter de deixar o apartamento onde morava há muitos anos, com a família. Um símbolo das conquistas alcançadas na sua labuta como costureira. Vai morar com a neta mais velha, por conta dos problemas de saúde.

Mãe Mimi tem 75 anos, era da casa do Seo Caboclo, já falecido. Para o diretor do filme, “o seu dinamismo e espontaneidade foram decisivos para que ela fosse uma das personagens”. Mãe Maria é filha de lansã, tem 74 anos, é do Axé Opô Afonjá. Como ialorixá, sua vida é dedicada à criação de iaôs e a vida na comunidade de terreiro.

Elas não são apenas mães do candomblé, podemos considerá-las “mães nacionais”. As mulheres negras, embora não “amamentem” mais os filhos das sinhás como no período da escravidão, ainda são as responsáveis pelos serviços domésticos nas casas das classes médias urbanas. São maioria em trabalhos como os de empregada doméstica, faxineira, cozinheira e babá. Ou seja, ocupam o lugar da subalternidade na estratificada sociedade brasileira. É neste ponto que se diferencia a participação das mulheres do candomblé. Nele, desempenham funções que dignificam a sua auto-estima. Elas são ialorixás, equedes, mães criadeiras, costuram enxovais, fazem comida para o santo. Essas mulheres, na condição de líderes, detêm o poder religioso, são as “ialorixás e as pessoas mais velhas de santo, os responsáveis pela mediação entre o sagrado e o profano”.⁵

Tudo leva a crer que o diretor conseguiu satisfazer a sua curiosidade inicial. “Ouvir a voz da experiência” como queria, avistou corpos desconhecidos, desvendados e revelados pela e para a câmera. Uma troca tornada possível pela disposição dessas mulheres em mostrar suas experiências, suas histórias. Na memória, guardam rezas, cantos, alquimias, mitos. A cultura oral é a base da transmissão de saberes. Quando elas morrem, carregam consigo parte da história e da memória do Candomblé. Por isso, a importância em mostrá-las, para que tenham a oportunidade de serem ouvidas para além do espaço religioso. Desse modo, passam a fazer parte da memória da cidade, da religião e, sobretudo, da história e da cultura do país.

Mãe Enedina deixou o Ayiê (Terra), foi pro Orum (Céu) antes de o filme estreiar. Talvez não soubesse (ou, quem

sabe, sim) seria sua última missão do lado de cá: revelar a sua história, contar sobre a sua vida, mostrar a força das mulheres, principalmente, da idosa. Neste espaço religioso, o avançar da idade (carnal ou de santo) é símbolo de sabedoria. Os mais velhos ajudam a guardar a memória e a preservar a tradição. O respeito e a dignidade adquiridos por essas senhoras na comunidade religiosa se revelam na consagração de um tempo na terra, um tempo do santo, um tempo posterior, no astral. O tempo é o senhor do saber.

A realização do filme foi um merecido presente para Mãe Enedina, para os iniciados e simpatizantes do candomblé e, certamente, para o diretor do documentário, que deve ter conseguido satisfazer a sua curiosidade inicial. Conheceu de perto mulheres idosas que revivificam com alegria a vida, através da reverência aos orixás e pelo reconhecimento e respeito que são tratadas na tradição do Candomblé. Além disso, o seu documentário conta outro lado da história da religiosidade afro-brasileira, ao dar voz a mulheres que vivem o presente e guardam em suas memórias parte do passado. Ensinos que vão ser preservados no futuro. Se a dureza da vida lhes baqueou, por um lado,⁶ lhes compensou, por outro. No Orum, com seu jeito tímido, perseverante e carinhoso, Mãe Enedina deve estar muito feliz com este reconhecimento, com esta valorização. De sua vida, de suas irmãs e da sua religião.

Notas

1. JOAQUIM, Maria Saete. O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.
2. Filhos-de-santo com menos de sete anos de iniciação.
3. BARTHES, R. O Óbvio e o Obtuso: ensaios críticos III. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
4. São as mulheres negras que primeiro vão para as ruas vender objetos, tecidos e comidas, em um período em que mulher branca vivia dentro de casa. Não se expunha nas ruas.
5. Idem
6. São muitas as mulheres negras e pobres que choram seus filhos, netos, sobrinhos e maridos mortos pela violência que atinge, sobremaneira, jovens negros entre 16 e 24 anos.

Referências

- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Tradução Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- JOAQUIM, M.S. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.